

**UM ESTUDO DE CASO
DA SINTAXE DE CONCORDÂNCIA VERBAL EM TEXTOS
ESCRITOS POR ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Ricardo Santos David (FCU)²²³
ricardosdavid@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho busca investigar o processo de concordância verbal efetivado em textos escritos, produzidos por alunos da série final do ensino fundamental e por alunos da série final do ensino médio. Como *corpus* deste artigo, utilizamos seis produções textuais, sendo três textos de alunos do ensino fundamental e três textos de alunos do ensino médio. Essa escolha é justificada por dois motivos: amplitude da temática e a representatividade da ocorrência que queremos discutir no tocante à estrutura da concordância verbal quando o sujeito se encontra distante do verbo. Para tanto, nos baseamos na perspectiva da linguística funcional centrada no uso (LFCU) e também nos estudiosos Angélica Furtado da Cunha (2003); Luciano Amaral Oliveira (2010); Sirio Possenti (2010); Maria Maura Cezário, Angélica Furtado da Cunha (2013); Maria Aparecida Baccega (1989). Os resultados indicam uma tendência de o falante não flexionar o verbo, quando este se encontra distante do sujeito, ou seja, tem-se assim uma variação no uso da concordância verbal em relação às regras da gramática normativa.

Palavras-chave: Uso. Gramática. Concordância verbal.

1. Introdução

Mediante o desempenho pouco satisfatório dos alunos brasileiros quanto ao uso das regras normativas nas produções textuais, especialmente referente à concordância verbal, comprovado nas atividades em sala de aula e nas provas oficiais, por exemplo, na Prova Brasil e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), somos levados a repensar o ensino de língua portuguesa e, consequentemente, a concepção normativa de ensino gramatical.

Discutimos, neste artigo, sobre a efetivação da concordância verbal em textos escritos, de alunos do ensino fundamental, como de alunos do ensino médio, com o objetivo geral de analisar, com base em aspectos

²²³ Pós-doutorado em educação: formação de professores: FCU – Florida Christian University (EUA). Mestrado e doutorado em educação: formação de professores e novas tecnologias. Especialista em docência do ensino superior. Pesquisador no centro de estudos da linguagem pela Uniatlantico – Espanha.

discursivo-pragmáticos e cognitivos a estrutura da concordância verbal sob a perspectiva da linguística funcional centrada no uso (LFCU). Partindo-se do princípio de que a língua deve ser explicada em termos semânticos, pragmáticos e funcionais e comungando da proposta de ensino da linguística funcional centrada no uso e dos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*, voltada para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, temos como objetivos específicos: discutir a regra geral de concordância verbal a partir da abordagem funcional; identificar a estrutura da concordância verbal quando o sujeito encontra-se distante do verbo; analisar a efetivação da concordância verbal à situação comunicativa em textos de alunos do ensino fundamental e médio. Para tanto, faz-se necessário nos ancorarmos na linguística funcional centrada no uso uma vez que essa teoria concebe a língua como um processo integrante do contexto sociocultural, não admitindo assim, a separação entre conhecimentos linguísticos e conhecimentos não linguísticos. De acordo com esse paradigma, a língua é um sistema usado, principalmente, para satisfazer as necessidades interativas e cognitivas do falante. A gramática, por sua vez, é uma estrutura emergente, dinâmica, suscetível às pressões oriundas das situações sociopragmáticas. Essa mesma preocupação evidenciada na linguística funcional centrada no uso, o de fornecer possibilidades de análise da língua levando em consideração motivações discursivo/pragmáticas e semântico/cognitivas, se pode apreender nos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* (BRASIL, 2000) quando propõe que ao se trabalhar com texto em sala de aula, sejam destacadas as condições de produção linguística e sugere a atividade didática em torno do português na base da análise e reflexão sobre a língua, ressaltando questões como adequação e diversidade linguísticas.

Para Talmy Givón (1979), a pragmática do discurso desempenha um papel decisivo na explicação da sintaxe da linguagem, o que implica dizer que, para ele, a sintaxe é uma entidade, funcionalmente motivada, por processos comunicativos e cognitivos. Dessa forma, buscamos entender as motivações pragmáticas que levaram o aluno a efetivar uma concordância verbal diferente dos postulados da gramática tradicional. Como *corpus* dessa investigação, utilizamos textos produzidos por alunos do 9º ano do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio. Escolhemos os alunos da série final dos respectivos níveis de ensino por entender que eles podem dar preferência, na produção da escrita de textos, à norma padrão. Utilizamos os textos para termos um entendimento geral da situação comunicativa produzida pelo aluno e, em seguida, identifi-

camos o conteúdo de análise linguística focalizado nesse estudo: a concordância verbal.

Para tanto, organizamos este texto com a seguinte subdivisão: a linguística funcional centrada no uso e o ensino de gramática; a concordância verbal efetivada em textos escritos de alunos do ensino fundamental e do ensino médio: uma análise funcionalista e, por último, os comentários conclusivos.

2. A linguística funcional centrada no uso e o ensino de gramática

A linguística funcional centrada no uso apresenta como finalidade precípua refletir sobre as necessidades comunicativas do usuário da língua, tendo como foco de suas investigações a linguagem em uso, ou seja, é a partir de situações reais e com interlocutores bem definidos que a linguística funcional centrada no uso trabalha. Essa teoria retroalimenta as discussões linguísticas, especialmente no que se refere ao estudo gramatical, oferecendo alternativas para que se reflita sobre a complexidade que a língua revela, desmistificando a ideia de que o objetivo final do ensino de gramática seja a “norma”, a memorização de regras. De acordo com essa abordagem a língua é maleável, probabilística e motivada. O uso da língua origina a forma, o que evidencia que as estruturas da língua são moldadas em termos do uso, no discurso, na interação verbal. No dizer de Mário Eduardo Martellota (2011, p. 55-56), essa teoria “considera haver uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação”.

Essa concepção de trabalho com a língua se distancia do estruturalismo e gerativismo, teorias formalistas que enfatizavam o estudo da língua sem levar em consideração o falante, o contexto sociocomunicativo. Com posicionamentos categoricamente diferentes, o funcionalismo tem como foco de suas investigações o uso real da língua, manifestada no discurso, com dados reais e contextualizados. Assim, fatores pragmáticos, semânticos e regulares norteiam as reflexões dessa teoria. Em outras palavras, como afirma Luciano Amaral Oliveira (2010) a gramática não possui apenas uma dimensão formal, ela tem também uma dimensão semântica e uma pragmática.

Concebemos essa visão de língua como avanço dos estudos linguísticos, uma vez que busca explicação para as falas, para as construções que fogem às regras prototípicas da gramática normativa, e, portan-

to, consideradas pela sociedade, como “erro linguístico”. O funcionalismo propõe que se explicitem os fatores, as estratégias que motivaram o falante a construir determinadas estruturas linguísticas. Esse entendimento assinala que a língua não é um sistema de regras fechado, como bem assinalam Angélica Furtado da Cunha e Maria Alice Tavares (2007, p. 14) a língua é:

[...] atividade social enraizada no uso comunicativo diário e por ele configurada [...] é determinada pelas situações de comunicação real em que falantes reais interagem e, portanto, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação [...] está sempre entrelaçada às atividades interacionais em que as pessoas estão engajadas.

Nesta perspectiva de conceber a linguagem, de compreendê-la como processo comunicativo, social e cognitivo, influenciada pelo contexto e pelas práticas sociais situadas, a gramática também é construída em termos interacionistas, baseada no entendimento da sua constituição como um sistema simbólico, cuja forma e o sentido são motivados pelo uso concreto da língua. Assim, o discurso origina a gramática, num *continuum* de forma e função. De acordo com Mariângela Rios de Oliveira e Sebastião Josué Votre (2012), a gramática é entendida como instância marcada pela instabilidade, as classes são fluidas, de contornos pouco precisos, com destaque para os fenômenos de derivação de sentido e de mudança categorial.

Reportados nessa proposta de se estudar a gramática levando em consideração tanto os elementos linguísticos como os extralinguísticos, advindos de discursos específicos e partindo do princípio de que uma classe gramatical pode ser recategorizada, analisemos uma frase acerca desse processo: i) O *pai* de Marcos é valente e ii) Deus é *Pai*. Temos uma mesma palavra empregada em estruturas diferentes. Na primeira construção, a palavra *pai* tem a função morfológica prototípica de substantivo, já na segunda construção a palavra *pai* adquire uma função diferente, morfológicamente passa a ser um adjetivo, acontecendo assim uma recategorização de classe morfológica. Essa exemplificação nos permite entender que a gramática é “uma estrutura dinâmica e maleável, que emerge das situações cotidianas de interação” (CUNHA & SOUZA, 2007, p. 7). O discurso e a gramática são, pois, determinados um pelo outro reciprocamente, e a gramática, segundo Paul J. Hopper (1998), nunca se estabiliza completamente, permanece num constante fazer-se, é uma gramática emergente.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, o de realinhamento dos estudos gramaticais, onde o discurso influencia o cognitivo e o cognitivo interage simultaneamente com a gramática, comungam Mário Eduardo Martelotta; Sebastião Josué Votre e Maria Maura Cezário (1996, p. 49). Para eles:

A vinculação entre ambas as instâncias é firmada com declarações do tipo “gramática e discurso não são conceitos separados, mas, ao contrário, constituem uma simbiose: a gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática” ou ainda “o desenvolvimento de novas estruturas gramaticais é motivado, comunicativa ou cognitivamente.

Dada essa possibilidade funcional de se estudar a gramática, Angélica Furtado da Cunha (2013, p. 164) pontua que devemos:

Considerar a gramática como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, implica reconhecer que a gramática de qualquer língua exibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes [...] as regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas variam e mudam) e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada [...] a análise dos processos de variação e mudança linguística constitui uma das áreas de interesse privilegiado da linguística funcional.

Nesses termos, reconhecemos a importância de se estudar a língua a partir de situações reais, levando-se em consideração o contexto, os propósitos discursivo/pragmáticos e a competência linguística do falante.

Esta proposta de trabalho com a língua vem ao encontro dos objetivos dos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* (BRASIL, 1998, p. 32):

Possibilitar ao aluno utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso.

Neste sentido, compreendemos que a língua apresenta uma estrutura variável, dependente, manifestada de acordo com as regularidades construídas nas situações comunicativas. Logo, o professor de língua portuguesa precisa trabalhar com um amplo leque de usos da língua, se distanciando de conceitos prescritivos, aulas e atividades mecanicistas, com supervalorização de memorização de regras, já que essa postura metodológica acaba dificultando ao aluno tornar-se um usuário mais competente da sua língua materna. Como enfatiza Sirio Possenti (2010), decorar ou aprender as regras fornecidas pela gramática tradicional não garan-

te um bom desempenho na produção e recepção de textos, porque há variações nos usos linguísticos.

3. A concordância verbal efetivada em textos escritos de alunos do ensino fundamental e médio: uma análise funcionalista

Como mencionamos anteriormente, o *corpus* deste trabalho é constituído por textos escritos por alunos da série final do ensino fundamental e os da série final do ensino médio. Os alunos do 9º ano tiveram contato, durante todo o ensino fundamental, com a norma padrão, trabalharam com as regras da gramática normativa e ao chegarem à série final já devem utilizar os conhecimentos gramaticais nas produções textuais. Já os alunos da série final do ensino médio chegam a essa fase de estudo com uma carga de produção textual e conhecimentos normativos ampliados. Tendem a se dedicarem mais aos estudos dos aspectos gramaticais e a escrita com vistas ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Nesse período, intensificam as produções textuais e o aluno apresenta um cuidado maior em suas construções, fazendo uso da língua dita padrão.

Um dos pontos focalizados nas nossas investigações refere-se à concordância verbal. Percebemos que mesmo a regra geral de concordância verbal postulada nos compêndios gramaticais que diz: “O verbo e o sujeito se ligam pelo mecanismo da concordância: sujeito no singular, verbo no singular; sujeito no plural, verbo no plural”, Pasquale Cipro Neto Pasquale e Ulisses Infante (2003, p. 466) apresenta variação na modalidade escrita. Como ressalta Maria Aparecida Baccega (1989), existe uma grande distância entre as normas presentes nos compêndios gramaticais e o uso real, concreto.

Observamos no *corpus* várias construções nas quais o aluno, tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio, não realizou a concordância entre verbo e sujeito, o que nos possibilita entender a existência de motivações pragmáticas e cognitivas na regularidade desse tipo de estrutura. Analisemos as construções abaixo, efetivadas em textos escritos, por alunos do ensino fundamental:

Amostra 01

– (...) as pessoas *tem* todo direito de viver a sua vida do jeito que *quer* ou *deseja*.

Amostra 02

– A solução para esse problema, as empresas para *diminui* os gases

poluentes, podiam colocar filtros nas chaminés das indústrias para que *filtrasse* o CO₂.

Amostra 03

– Na sociedade brasileira, interferem na vida das pessoas que *possui* orientação sexual diferente, que *foge* do tradicional.

À primeira vista, diríamos simplesmente, está havendo um erro de concordância verbal. O aluno cometeu um “deslize” na estrutura das construções e não promoveu a concordância entre verbo e sujeito. Se fizermos uma leitura funcionalista das construções apresentadas na Amostra 01, 02 e 03 diríamos que nas três construções os falantes fizeram uso de motivações pragmática-cognitivas para não efetivarem a marcação no plural entre o sujeito e o verbo. Na amostra 01, o sujeito *as pessoas* aparece no início do texto, já os verbos *querer* e *desejar* estão localizados no final da construção. Percebemos que existe um distanciamento entre o sujeito e os verbos, motivando assim, o surgimento desses verbos no singular e não no plural, como estabelece a norma da gramática tradicional. Em um plano semântico/pragmático, entendemos que o aluno, produtor do texto, se incluí nesse contexto, promovendo assim a concordância verbal em primeira pessoa do singular.

Na amostra 02, o constituinte *as empresas*, funciona como sujeito da oração, traz duas marcações de plural, o adjunto “as” e o núcleo do sujeito “pessoas”, em seguida temos uma oração intercalada, onde o verbo *diminuir* não promove a concordância com o sujeito “*as empresas*”. Entendemos que essa construção se deve por três motivos: i) O sujeito “as empresas” é constituído por marcas do plural; ii) a oração intercalada enfraquece a concordância; iii) o objeto direto da oração intercalada traz marcas de plural: “os gases poluentes”. Nesse mesmo texto, temos a ocorrência com o verbo *filtrar*, este também não promove a concordância com o sujeito “*filtros*”. Notamos que todos os constituintes dessa oração apresentam marca de plural: *filtro/s/ na/s/ /chaminés/ da/s/ /indústria/s/*. O aluno marcou todos os constituintes no plural, no entanto o verbo, “*filtrar*”, por estar distante do sujeito ao qual se refere, não faz a flexão no plural. Entendemos ainda, que discursivamente é como se o aluno quisesse enfatizar *que cada filtro filtrasse o CO₂*.

A amostra 03, também aponta ocorrências semelhantes com as anteriores. O aluno ao produzir essa construção se insere dentro do contexto enunciativo, por isso faz a concordância no singular. O verbo *possuir*, assim como o verbo *fugir*, de acordo com a gramática normativa deveri-

am nessa construção, efetivar a concordância verbal no plural, concordando com o constituinte *as pessoas*, porém o autor do texto não entendeu dessa forma e preferiu realizar a concordância dos verbos no singular.

Casos semelhantes a esses abordados em textos de alunos do 9º ano do ensino fundamental, no tocante à concordância verbal, também são encontrados em textos de alunos do 3º ano do ensino médio. Analisemos as amostras que seguem:

Amostra 04²²⁴

– Os jovens vão ter motivos de sobra para não *Sonhar* mais.

Amostra 05

– Cento e setenta milhões de habitantes *vive* nesta nação.

Amostra 06

– Os jovens têm valores e normas de acordo com a sociedade em que *vive*.

Na Amostra 04 o sujeito *os jovens* se encontra no início da oração e o verbo *sonhar* localiza-se no final da construção. Percebemos que os constituintes próximos ao sujeito apresentam marcação de plural já o verbo *sonhar*, distante do sujeito não traz essa marca. Na produção 05 o aluno não faz a flexão verbal com o constituinte *cento e setenta milhões de habitantes*, mas com o constituinte *nesta nação*. Já na amostra 06 percebemos que existe uma aproximação entre palavra sociedade, que de acordo com a gramática normativa funciona como objeto, e o verbo viver. O falante promove a concordância com a palavra *sociedade* e não com o sujeito *os jovens*. Nesta construção as palavras que estão próximas ao sujeito *Os jovens* apresentam marcações de plural, já o verbo *sonhar*, distante do sujeito não realiza a flexão no plural. Em um plano discursivo entende-se que o aluno efetivou a concordância no singular por trabalhar com a ideia de que cada jovem tem seu valor de acordo com a sociedade em que vive.

De natureza estrutural semelhante aos exemplos anteriores, temos:

Amostra 07²²⁵

– (...) outros após terminarem o 2º grau não *visa* uma profissão.

²²⁴-As amostras 04, 05 e 06 pertencem ao Texto 1- Os jovens e seus sonhos

²²⁵-As amostras 07 e 08 pertencem ao Texto 3 – Os problemas sociais e o jovem

Amostra 08

– Além da falta de recursos *existe* muitas armadilhas destruidoras de sonhos e vidas.

Na amostra 07 o verbo *terminar* realiza a flexão com o pronome *outros*, que está assumindo a função de sujeito, no entanto o verbo *visar* não manifesta essa ocorrência. Esse verbo realiza a flexão com o objeto direto, *uma profissão*, dado que esta estrutura se encontra mais próxima. Já na amostra 08, entendemos que a construção do aluno tem o objetivo de transmitir o pensamento de que existe a falta de recursos e existem armadilhas que impedem o cidadão de sonhar. Com relação ao desenvolvimento sintático, ver-se uma enumeração de estruturas marcadas. As palavras: recursos, muitas, destruidoras, sonhos e vidas apresentam marcas do plural.

Ainda refletindo sobre a distância entre o sujeito e o verbo nas construções textuais, encontramos, no *corpus* em discussão, outros exemplos que nos evidenciam que quanto mais distante o verbo estiver do seu sujeito, mais facilidade existirá da flexão não ocorrer. Podemos mais uma vez perceber esta construção na amostra 09. O verbo *acabar*, localizado no final da oração, deveria, conforme a gramática tradicional, promover a concordância com o sujeito *as diferenças*, porém o contexto discursivo nos possibilita entender que o falante desejou manifestar a expressão de que acabar com as diferenças em nosso País não é responsabilidade somente dos jovens.

Amostra 09²²⁶

– Será que vai depender apenas de nós jovens, para que as diferenças existentes em nossa país *acabe*?

Amostra 10

– (...) A presença ou ausência de alguns destes atos, anteriormente citados, *caracteriza* a luta das doenças mais temidas por todos os seres humanos.

Atentando a construção da amostra 10 verificamos que a introdução de um apostro no texto (anteriormente citados), localizado entre o sujeito e o verbo enfraqueceu a concordância, a flexão do verbo *caracterizar* não foi efetivada. O aluno promove a concordância com a expressão

²²⁶- As amostras 09 e 10 pertencem ao Texto 3 – Os problemas sociais e o jovem

“a luta”, (objeto direto) expressão essa que está ligada diretamente ao verbo *caracterizar*.

As ocorrências mencionadas até aqui ratificam o posicionamento de que existe uma regularidade do verbo não se flexionar com o sujeito, mesmo quando a sentença é construída na ordem direta, quando o sujeito está distante do verbo. Se analisássemos estes casos conforme a gramática tradicional, numa perspectiva normativa, taxariamos como erro de concordância verbal, ou ainda diríamos que é uma questão de estilo, cujo informante estaria dando ênfase a um dos constituintes. Pontos como variação linguística, uso pragmático, aspectos sociocognitivo e semânticos deixam de ser inseridos em uma abordagem formal. Observamos, no *corpus* em apreciação, que os alunos do ensino fundamental e médio produziram construções, inserindo o sujeito quase sempre anteposto ao verbo, no entanto, devido à distância entre eles a integração, sujeito x predicado, é enfraquecida, resultando na não flexão verbal. Um outro fator, de nível pragmático, ocorrido nas construções que também devemos considerar, é que o aluno apresenta marcas muito fortes da oralidade em suas produções escritas, pois a fala é a forma primeira e básica da comunicação, o que influencia a presença de algumas marcas características da modalidade oral.

Tendo em vista estas análises, sentimos a necessidade cada vez maior de o professor de língua portuguesa trabalhar de forma organizada as peculiaridades da interface fala x escrita. Se queremos que o aluno fale e escreva ampliando a competência sociocomunicativa, devemos privilegiar a noção de adequação ao gênero e à modalidade, reconhecer os diferentes usos que a língua possibilita e trabalhar as interferências pragmáticas relacionando à questão da norma culta, uma vez que o que deve estar em foco não é a correção das formas linguísticas, mas sua adequação às condições do contexto comunicativo. As análises do aspecto gramatical concordância verbal em textos de alunos do ensino fundamental e ensino médio nos evidencia a necessidade de as estruturas gramaticais serem avaliadas no discurso, no processo de interação e não somente de forma separada, estudando regra por regra, buscando produzir textos em conformidade com as regras da gramática tradicional. Notamos que este tipo de estudo não impede a dinamicidade da língua, não inibe o aluno a fazer suas escolhas e produzir estruturas que fogem ao padrão, mas que estabelecem um rico processo de comunicação.

Parece-nos que um dos grandes problemas apresentados na escola é conseguir trabalhar a língua em funcionamento, analisando as constru-

ções reais. Esse tipo de ensino se efetiva por meio das práticas discursivas, de atividades que envolvam as três competências da língua – falar, ler e escrever- todas em uso e cada uma sendo interpretada de acordo com o contexto discursivo.

Para o professor que desenvolve um trabalho com a língua/linguagem de forma mecânica, fica difícil analisar as produções textuais dos alunos, tendo em vista as circunstâncias e os contextos específicos de uso. Somente o trabalho metalinguístico, concebido a partir da língua como um processo homogêneo, invariável, voltado unicamente para a modalidade culta, para a língua dos escritores não atenderá às necessidades sociodiscursivas do aluno. Como podemos justificar tantas dificuldades dos falantes no âmbito da língua portuguesa? Será que o estudo da gramática tradicional não amplia as dúvidas dos alunos, uma vez que não contempla a maleabilidade da língua?

O estudo da norma pode ser explorado, até mesmo para podermos criticá-las, porém defendemos o princípio de que fenômenos como variação e mudança linguística devem ser considerados no momento de se fazer uma análise sintática que vai além dos limites da sentença. Verificamos com base nas discussões encadeadas neste artigo que cada sentença tem uma organização própria que varia e/ou atende a motivações pragmático-discursiva-cognitivas.

Fieis à abordagem funcionalista, acreditamos que a função principal da linguagem é promover a comunicação entre os falantes, por isso é ela quem determina o modo como a língua está sendo organizada, daí compreender que a sintaxe necessita ser abordada olhando para o ambiente discursivo em que os textos são construídos. Nesse sentido, a análise funcionalista consubstancia-se a partir da observação da estrutura gramatical das línguas como um reflexo da comunicação em sua totalidade, compreendendo o propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo.

4. Considerações finais

Neste artigo defendemos que a gramática seja estudada tendo como referência os parâmetros da cognição, comunicação, interação social e pragmática. Partimos da perspectiva gramatical de natureza interativa, emergente o que vem ao encontro dos princípios da linguística funcional centrada no uso que concebe a língua e a gramática em função do uso.

A análise empreendida neste artigo evidenciou que o aluno apresenta uma tendência a não realizar a concordância verbal quando o verbo está distante do sujeito. Os fatores que motivaram a efetivação desse tipo de construção foram de natureza pragmático-discursiva, proximidade dos constituintes e quantidade de informação.

Enfatizamos a importância de um olhar funcionalista, dinâmico e sociopragmático para o trabalho com a gramática, tendo em vista que o funcionalismo se consubstancia a partir da observação da estrutura gramatical das línguas como um reflexo da comunicação em sua totalidade, compreendendo o propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo, já que a abordagem tradicional nem sempre apresenta a dinamicidade da língua vi

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, Maria Aparecida. *A concordância verbal*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

BRASIL. MEC/SEF. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Ensino de 5ª e 8ª séries. Brasília: MEC, 2000.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CUNHA, Angélica Furtado da; TAVARES, Maria Alice. *Linguística funcional e ensino de gramática*. Natal: UFRN, 2007.

GIVÓN, Talmy. *Syntax and Semantics: Discourse and syntax*. Nova Iorque: Academic Press, 1979.

HOPPER, Paul J. *Emergent grammar*. In: TOMASELLO, Michael. (Ed.) *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998, p. 155-175.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. Paulo: Cortez, 2011.

_____; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1996.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola, 2010.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

POSSENTI, Sirio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2010.